+

I DOMINGO DE PAIXÃO

Sermão proferido pelo Rev. Pe. Olivieri Toti, FSSPX

"*Ave, ó Cruz, nossa única esperança*"

(Hino *Vexilla Regis*, Vésperas, 6ª estrofe)

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Estimadíssimos fiéis, este verso do hino "*Vexilla Regis*", que cantamos nas Vésperas deste domingo, expressa bem a ideia central destas últimas duas semanas da Santa Quaresma: a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Neste tempo litúrgico[1] se recordam os últimos seis meses da vida de nosso Redentor, que assediado continuamente pelas perseguições de seus inimigos (perseguições estas que culminarão com a sua morte), vê-se obrigado a fugir de sua presença, a ocultar-se. Trata-se de uma verdadeira Paixão incruenta. Por isso, a Santa Mãe Igreja, revestindo-se de um luto rigoroso, prescreve que as imagens e a mesma Santa Cruz sejam cobertas, ocultadas; omitem-se o Salmo 42 das orações ao pé do altar e o "*Gloria Patri*" do Introito e do Lavabo; no ofício divino se elegem os salmos más lúgubres do Rei David e as lamentações mais desoladoras do profeta Jeremias, para significar a severa penitência da Esposa de Cristo, que vislumbra já o seu cruel desenlace: o sacrifício cruento do Messias sobre o madeiro da Cruz.

No Ofício de Trevas, em particular, nas leituras de Matinas do Tríduo Pascal, repete-se várias vezes este apelo do Santo Profeta Jeremias: "*Jerusalém, Jerusalém, converte-te ao Senhor teu Deus*"[2]. Porém, queridos fiéis, este apelo, este chamado à penitência não se aplica somente a Jerusalém, senão a nós, almas pecadoras. Não é, evidentemente, às muralhas da Cidade Santa que se dirigem estas profecias, senão àqueles que moram nela: a nós,

[1] Dom Próspero Gueranger OSB, "El año litúrgico", Tomo II: Septuagésima, Cuaresma y Pasión, pág.421, Editora Aldecoa, Burgos, 1956.
[2] Lm.I,14.

que fazemos parte da Santa Igreja Católica, figurada, representada misticamente por Jerusalém. E que nos moverá à penitência, senão a contemplação da Paixão do Senhor?

Amadíssimos irmãos, o Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino[3] perguntando-se, na Suma Teológica, se teria havido outro meio mais conveniente para a redenção humana que a Paixão de Cristo, responde-nos assim: *"Um meio é considerado conveniente quando ele é capaz de conduzir ao fim* [assim, por exemplo, um barco é o meio conveniente para atravessar o rio]. *Ora, a Paixão de Cristo foi o meio mais conveniente para alcançar a salvação do gênero humano por diversos motivos:*

Em primeiro lugar, porque demonstra o amor de Deus por nós e nos leva a amá-Lo mais, como diz São Paulo: "*Deus faz brilhar a sua caridade em nós, porque ainda quando éramos pecadores, morreu Cristo por nós"*[4]. Normalmente, medimos a grandeza do amor de alguém por nós não só pela magnitude dos bens que intercambiamos, mas, sobretudo, pela grandeza dos sacrifícios que esta pessoa é capaz de fazer, desinteressadamente, para nos demonstrar o seu amor. Ora, queridos amigos, Nosso Senhor mesmo nos ensinou que *"não há maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos"*[5]. E é artigo de fé que Jesus nos amou e por nosso amor se entregou à morte: *"Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós"*[6]. Por isso, o Apóstolo São João diz que Jesus na sua morte deu-nos a última prova que podia dar-nos do seu amor: *"Tendo-os amado, amou-os até ao fim"*[7]. Ademais, um autor devoto[8] afirma que Jesus na sua morte nos deu a maior prova de seu amor, nada mais lhe restando depois disso a fazer para nos demonstrar quanto nos amava[9]. Agora, nada mais eficaz para despertar o nosso amor, que ver-nos amados. Como dizia o filósofo Platão: *"o amor é o ímã do amor"*. De modo que, no dizer de São Boaventura, *"as chagas de Jesus são todas chagas de amor, são dardos e chamas que ferem até os corações mais duros e abrasam as almas mais frias"*. Por isso, conclui São Paulo, dizendo: *"o amor de Cristo nos constrange"*[10]. Constrange-nos a quê? Constrange-nos a amá-lo sobre todas as coisas. Constrange-nos a

[3] S.T. IIIª Pars, q.XLVI, a.3, ad corpus.
[4] Rm. V, 8-9.
[5] Jo. XV, 13.
[6] Ef V,2.
[7] Jo. XIII, 1.
[8] Santo Afonso Maria de Ligório, "A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo", Tomo I, Opúsculo I, Cap. XVI - Do amor do Filho de Deus em querer morrer por nós, 5.
[9] Contens. 1. 10, d. 4, c. 1.
[10] II Cor. V, 14.

desapegar-nos dos bens caducos deste mundo. Constrange-nos a fazer penitência pelos nossos inumeráveis pecados e por tanta ingratidão.

Em segundo lugar, o meio mais conveniente para alcançar a salvação do gênero humano foi a Paixão de Cristo, porque por esse meio nos deu um exemplo perfeito da obediência, da humildade, da constância, da justiça, e das demais virtudes necessárias para a nossa salvação, como afirma São Pedro: "*Cristo padeceu por nós, deixando-vos exemplo para que sigais as suas pegadas"*[11], e Isaías profetizava: *"Teus olhos verão o teu preceptor"*[12]. Foi prometido aos homens poderem ver com os próprios olhos seu divino Mestre. A vida inteira de Jesus foi contínuo exemplo e escola de perfeição, mas em nenhuma parte nos ensinou melhor suas mais belas virtudes do que sobre a cátedra da cruz. Como daí nos ensinou bem a paciência, especialmente no tempo das doenças, já que na cruz Jesus sofreu corajosamente com suma paciência as dores de sua atrocíssima morte. Aí, com seu exemplo nos ensinou uma estrita obediência aos divinos preceitos, uma perfeita resignação com a vontade de Deus e sobretudo ensinou-nos como se deve amar[13]. *"Amai-vos uns aos outros* – não só como a vós mesmos, senão – *como Eu vos amei"*[14]. E como vos amei? Até o fim, até o sacrifício, até a morte.

"*Ave, ó Cruz, nossa única esperança*"

Queridos fiéis confinados, que hoje não podem ter a graça de estar aqui para assistir o Santo Sacrifício da Missa e comungar, eu gostaria de lhes dizer umas palavras: primeiro, que há algo mais contagioso e letal que o coronavírus, que já se disseminou por toda a Igreja, desde o Concílio Vaticano II, e a ameaça perigosamente: o modernismo e suas terríveis sequelas: o indiferentismo religioso, o naturalismo, o desânimo, a falta de fé, etc; segundo, que não ponham as suas esperanças nesta ou naquela autoridade liberal, neste ou naquele cientista, neste ou naquele homem: lembrem-se do que dizia o profeta Jeremias: *"Maldito o homem que confia no homem"*[15]. Devemos por toda a nossa esperança na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo! Donde virá a solução para esta crise e a cura desta pandemia? Somente das causas segundas, somente da habilidade dos homens? Não, não, queridos fiéis, o remédio para tudo isto está, primeiramente, em fazermos uma verdadeira penitência por nossos pecados, unindo os nossos sofrimentos, as mortificações que nos envia a Providência (como esta epidemia e o confinamento) à Cruz de

[11] I Pd. II, 21.
[12] Is. XXX, 20.
[13] Santo Afonso Maria de Ligório, "A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo", Tomo I, Opúsculo I, Cap. XII – Da Crucifixão de Jesus, 4.
[14] Jo. XV, 12.
[15] Jr. XVII, 5.

Nosso Senhor, quem transformará tudo isto no antídoto ideal e eficaz para ambas crises.

Em terceiro lugar, a Paixão de Nosso Senhor foi o meio mais conveniente para a nossa redenção, porque Cristo, com a sua Paixão, não só libertou o homem do pecado, senão que ainda lhe **mereceu a graça santificante e a vida eterna**. Graça esta que nos faz filhos adotivos de Deus e herdeiros do Paraíso.

Em quarto lugar, porque obriga o homem a conservar-se em graça, segundo São Paulo: *"Vós fostes comprados por um grande preço [isto é, pelo Sangue de Cristo]; glorificai, pois, e trazei a Deus no vosso corpo"*[16]. Isto nos deve fazer refletir quão pouco damos valor à graça. Quantas vezes, contritos devemos admitir, trocamos este tesouro preciosíssimo pelo que há de mais vil na face da terra! Não meditamos um só instante no preço que ela custou a Nosso Senhor: a morte e morte de cruz. Que temos feito com a graça de Deus, que temos feito com a nossa vocação, que temos feito com os dons que Deus nos deu? Esta é a pergunta que nos devemos fazer cada dia, e sobretudo nesta Quaresma.

Por fim, em quinto lugar, para maior dignidade do homem, de modo que assim como fora vencido e enganado pelo diabo, assim também fosse ele quem vencesse o diabo; e assim como o homem mereceu a morte, assim também, morrendo, vencesse-a, como canta o Prefacio: *"É verdadeiramente digno e justo, necessário e salutar que sempre e em toda parte Vos demos graças, Senhor, Pai Santo, Deus Onipotente e eterno, que no madeiro da cruz pusestes a salvação do gênero humano, a fim de que, donde nascera a morte, daí ressurgira a vida, e aquele que no madeiro vencera[isto é, satanás], no madeiro fosse vencido, por Jesus Cristo Nosso Senhor"*.

"*Ave, ó Cruz, nossa única esperança*"

Sim, queridos fiéis, nossa única esperança está na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, que foi a causa da nossa salvação. Peçamos ao nosso divino Redentor, por intercessão do Coração Doloroso e Imaculado de Maria e de São José, que *"neste tempo de Paixão, aos pios aumente a graça, e aos réus apague os crimes"*, usando as palavras do hino *"Vexilla Regis"*.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

[16] I Cor. VI, 20.

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém

Hino "*Vexilla Regis*"[17]

Vexilla Regis prodeunt: Fulget Crucis mysterium, Qua Vita mortem pertulit, Et Morte vitam protulit.	Avançam os estandartes do Rei, por meio da qual (Cruz), a Vida (Jesus Cristo, Deus) sofreu a morte e por meio da morte (nos) trouxe a vida.
Quae, vulnerata lanceae Mucrone diro, criminum Ut nos lavaret sordibus, Manavit unda et sanguine.	A qual (Jesus Cristo), ferido pela cruel ponta da lança, para nos lavar da sordidez dos crimes, deitou sangue e água.
Impleta sunt quae concinit David fideli carmine, Dicendo nationibus: Regnavit a ligno Deus.	Cumpriu-se o que cantou Davi em seu fiel poema, dizendo às nações "Deus reinou pelo madeiro".
Arbor decora et fulgida, Ornata Regis purpura, Electa digno stipite Tam sancta membra tangere	Árvore brilhante e decorosa, ornada com a púrpura do Rei, escolhida para tocar, com teu tronco (mui) digno, tão santos membros.
Beata cuiús brachiis Pretium pependit saeculi, Statera facta	Feliz (daquela Cruz) dos braços da qual, feita balança do corpo (de Cristo), esteve suspenso o

[17] Este hino triunfal é universalmente atribuído a Venâncio Fortunato, nascido, por volta de 530, em Céneda, não longe de Veneza. Tinha ido às Gálias, como romeiro, a fim de rezar sobre o túmulo de S. Martinho de Tours. Ainda simples catecúmeno, em novembro de 569, achava-se em Poitiers. Nesta cidade S. Radegunda, esposa de Clotário I, Rei dos Francos, fundara um mosteiro, no qual vivia retirada. Tendo o Imperador do Oriente, Justino II, enviado a ela, de presente, uma parte insigne da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, a ex-rainha quis receber essa dádiva com muito aparato e solenidade, e pediu a Venâncio Fortunato, que já era conhecido como um dos poetas mais fecundos de seu século, um poema de ocasião.
Padre Júlio Comba SDB, "Hinos do Breviário Romano, comentados para os seminaristas e para o clero", Livraria Editora Salesiana LTDA., 1963, págs.103 e 104.

corporis, Tulitque praedam tartari.	preço (do resgate) do mundo, e (assim) tirou a presa do Tártaro (do inferno).
O Crux, ave, spes única, Hoc Passionis tempore Piis adauge gratiam, Reisque dele crimina.	Ave, ó Cruz, única esperança! Neste tempo da Paixão, aumentai aos piedosos a graça e destruí os crimes dos réus.
Te, fons salutis, Trinitas, Collaudet omnis spiritus: Quibus Crucis victoriam Largiris, adde praemium.	Toda voz louve a Ti, Trindade, fonte da salvação: concede-lhes o prêmio (da vida eterna) aos que concedeis a vitória da Cruz.